

---

# DISCURSO E PODER: O ASPECTO ÉTNICO NO JORNAL IMPRESSO "O INTRANSIGENTE"

---

Fabiana Vieira Almeida (UESC)<sup>1</sup>

## RESUMO

A análise do discurso sobre o coronel em Itabuna, no Sul da Bahia, em contraste com o do homem comum, tendo como enfoque a representação da etnia negra, parte do pressuposto de uma exclusão proposital da contribuição étnica no discurso fundador, quando se trata da classe dominante. Tal abordagem fez-se necessária na medida em que se tornaram perceptíveis enunciados que não dão nenhuma representatividade à presença do negro quando este ocupa uma posição de poder nas relações sociais, o que não acontece quando o mesmo faz parte de contextos considerados marginais. Para estabelecer tal estudo, fez-se necessário um levantamento teórico da história local, bem como a análise de enunciados presentes em duas edições do jornal impresso "O Intransigente", um dos principais meios de comunicação na cidade a partir da década de 1920, sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa. A partir desse estudo, torna-se viável a proposta de discussão sobre a mudança de paradigmas no discurso histórico e midiático em esfera regional, que sendo utilizados de forma crítica podem influenciar na formação de identidades.

**Palavras-chave:** Discurso; poder; negro; jornalismo impresso

## INTRODUÇÃO

A história da cidade de Itabuna, no sul da Bahia, foi construída num misto de bravura e ambição de homens desconhecidos, vindos de diferentes partes do estado e de outras regiões do país, a exemplo de Sergipe, na segunda metade do século XIX. Uma história que difere de outras cidades pela ausência de uma elite tradicionalmente rica, de berço, e sim forjada por "novos ricos", personagens que se constituem enquanto elite a partir do que viriam a construir nestas terras, até então despovoadas. Trajetória que consta no relato de diversos autores da

---

<sup>1</sup> Graduada em História e Mestranda em Letras – Linguagens e Representações pela U E S C, atua como editora de texto em emissora de Televisão da Rede Bahia de Televisão. E-mail: [fabia\\_midia@hotmail.com](mailto:fabia_midia@hotmail.com) / [fabiana.vieira@redabahia.com.br](mailto:fabiana.vieira@redabahia.com.br)

literatura regional de forma relativamente homogênea, senão por uma diferença relacionada ao discurso sobre a presença do negro, que sofre uma transformação.

Citamos alguns deles a começar pela ocultação de Kfoury (2002), que faz apenas uma alusão ao posicionamento dos primeiros desbravadores que chegaram ao então Arraial de Tabocas em 1857, Félix Severino do Amor Divino e Manoel Constantino, enquanto abolicionistas convictos, sem, no entanto, dar maiores esclarecimentos sobre o assunto. Passando pelo silêncio de Andrade, J. citado em Rocha (2003) que não faz referência à contribuição da etnia quando da chegada dos primeiros desbravadores ao local. Chegando ao reconhecimento, no mais recente trabalho publicado por Andrade, M. e Rocha (2005), de que o povoamento da cidade teve como precursores uma maioria composta por mulatos e negros vindos de Sergipe e do sertão da Bahia. Estes chegaram a Tabocas a partir de 1850, em busca das riquezas oferecidas pelo cacau, e exerceram importante papel na formação étnica do povo grapiúna. Um deles sendo ninguém menos que Félix Severino do Amor Divino, cujos descendentes constituíram a ilustre família de José Firmino Alves, fundador da cidade de Itabuna, em 1910.

Partindo do pressuposto de que a construção da identidade étnica do negro em Itabuna deu-se de um ponto de vista etnocêntrico, defendemos a premissa de que a mesma precisa ser revista sob uma nova perspectiva. Marques (1996), ao tratar das questões relacionadas à origem do racismo e das desigualdades vividas pelo negro no Brasil, evidencia como o eurocentrismo se reflete na escrita da maioria das enciclopédias e livros didáticos, não registrando a existência de líderes negros ou aspectos que valorizem a cultura africana. Segundo ele, a ausência do reconhecimento do passado, de exemplos/histórias a serem seguidas, reforça nas mentes das crianças, na própria escola, o “estigma da cor”, o que é

reforçado nas relações sociais e nas desigualdades no mercado de trabalho, o que acaba se refletindo em outras esferas da vida. Como prova disso ele cita um estudo feito pela pesquisadora baiana Ana Célia da Silva sobre o alto índice de repetência (que é de 70% nas regiões Norte e Nordeste do país) e de evasão escolar, entre crianças e jovens negros e afro-descendentes. Marques conclui que a causa disso está na própria literatura didática, que omite o contexto civilizatório num país composto por grande parte da população negra. Isso limita os direitos à educação, e conduz a uma conseqüente limitação econômica e social, se refletindo em sérias conseqüências para a formação da identidade deste povo.

A criação de estereótipos relacionando o negro como ser irracional, dissociado de contextos sociais, em minoria e ocupando o último lugar na sociedade, ainda segundo Marques, só agrava este quadro. Por isso ele propõe uma revisão racional da literatura, o reconhecimento da miscigenação como algo positivo na formação do povo brasileiro, principalmente nas escolas, que legitimam visões discriminadoras. Ele vê na educação o único instrumento para soluções permanentes, e oferece diversas opções didáticas, mas a principal delas está na mudança de conceitos. Em seu entendimento:

[...] outro caminho não há, senão o de reescrever a nossa história, reconhecer e valorizar os nossos heróis, trazer à luz todas as nossas raízes culturais e tê-las em grande consideração. É preciso, sobretudo, passar a limpo... bem a limpo, os currículos e materiais didáticos escolares, fontes que tem sido de uma imagem deturpada das realidades culturais dos Índios e dos Negros é: a de tanto da literatura quanto da historiografia regional, mostrando o real papel do negro na formação da história regional. É preciso ainda entender que somos uma nação pluricultural [...], entender e apreciar, dar as boas vindas às diferenças culturas e valorizar a possibilidade de uma 'unidade na diversidade'. (MARQUES, 1996, p. 34)

Relacionamos essa necessidade à outra realidade contemporânea, a dos meios de comunicação, já que os mesmos segundo Sodré (2001) cumprem funções de "escola paralela", na medida em que exerçam impacto ideológico sobre as consciências. Conforme relata

Aquino (1999), o jornal impresso "O Intransigente", ora objeto de pesquisa, acompanhou a trajetória política do fundador, o coronel Henrique Alves dos Reis, deixando entrever em suas linhas todo seu posicionamento político e ideológico. Na literatura citada anteriormente, que trata da história de Itabuna, o que se percebe é uma ausência referente ao negro, que aos poucos vai sendo desvelada. Mas no jornal impresso o que se percebe é um discurso permeado pelo silêncio que em si traz significação, pois não envolve apenas um ponto de vista ou um recorte específico, mas relações permeadas por questões de identidade e poder, daí a necessidade de estudá-lo.

A escolha do modelo metodológico da Análise de Discurso de linha francesa se dá pelo caráter interdisciplinar de tal teoria, que articula pressupostos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, trabalhando a relação língua – discurso – ideologia. Segundo Orlandi (2007, p. 16), levando em conta o homem na sua história, a AD

[...]considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

No intuito de compreender tais regularidades na constituição de aspectos étnicos presentes no jornal impresso "O Intransigente" é que estabelecemos o presente estudo, que culminou na constatação de um silêncio permeado pelas relações de poder e na compreensão da necessidade de melhor entendê-lo para uma maior valorização do papel do negro na história, dando margem a estudos mais completos que aprofundem a temática, desvelando até que ponto a história é afetada pelos aspectos simbólicos da linguagem.

## O SUJEITO E AS RELAÇÕES DE PODER

Em toda sociedade os mecanismos de poder agem de forma a instaurar certa predominância dos interesses da classe dominante. No caso específico de Itabuna, no Sul da Bahia, entre as décadas de 1930 e 1940 os conflitos raciais estavam presentes, apesar da diversidade étnica dos desbravadores que fizeram parte do povoamento da cidade, e a sociedade encontrava meios próprios para enfrentá-lo. Algo justificado em Foucault, para quem:

cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade. Isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daquelas que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (2001, p. 12)

A própria definição do “ser negro” é uma invenção fundada em critérios de poder, que encontra justificativa em critérios raciais pseudocientíficos, ligados à sua suposta inferioridade e caráter submisso (Santos, 2002), ou seja, raça é um conceito político ideológico construído historicamente. A Análise de Discurso (AD) de linha francesa, segundo Silveira (1994), privilegia em seus estudos a noção de sujeito e de interdiscursividade, acrescentando a ambas as noções de história e de ideologia. Assim, o sujeito é concebido como essencialmente histórico; razão porque sua fala é sempre produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo e, desse modo, à noção de sujeito histórico articula-se a de sujeito ideológico.

Por conseguinte, “o que” este sujeito fala sempre compreende um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social, tratando-se de um sujeito “descentrado” entre o “eu” e o “outro”: um ser projetado num espaço e num tempo. Tal

projeção faz com que esse sujeito situe o seu discurso em relação aos discursos do outro. Para a autora, o “outro” compreende não só o destinatário – aquele para quem o sujeito planeja e ajusta a sua fala no plano intradiscursivo – mas também envolve outros discursos historicamente já costurados (interdiscurso) e que emergem em sua fala.

Para Orlandi (op. cit., p. 53), o sujeito é lingüístico-histórico, constituído na materialidade pelo esquecimento e pela ideologia.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.

No jornal impresso “O Intransigente” há um entrelaçamento do percurso político do proprietário, o Coronel Henrique Alves dos Reis, com a formação discursiva acerca do mesmo. A data de fundação, 07 de Setembro de 1926, também foi o dia em que o mesmo assumiu a Intendência do município de Itabuna, cargo que ocuparia por dois anos (ibid. 1999). Em várias edições, durante os anos subseqüentes, seu fundador seria lembrado, principalmente com homenagens e honrarias, até mesmo depois de sua morte, em 1940. Sua caracterização se dá, sempre, por um viés de elogios enquanto homem que veio de uma origem humilde e conseguiu conquistar um espaço na elite regional, sem que, no entanto, haja referência a sua etnia ou a aspectos que retratem a sua ascendência negra, mesmo quando o mesmo é tido como modelo a ser seguido, a exemplo da ocasião de sua morte, onde uma reportagem o define como “... a maior tradição de caracter do nosso povo e da tempera inquebrantável **de nossa raça.**” (O Intransigente – 13/01/1940) Tais aspectos geram questionamentos a partir do momento em que ocorre um apagamento da cor, um silenciamento aqui atribuído à posição de poder ocupada pelo mesmo, já que neste período

ainda eram pungentes na sociedade os resquícios de um passado escravocrata.

## IDENTIDADE E PODER

No contexto nacional a política, mesmo perpassando por mudanças após a Proclamação da República, em 1889, continuou sendo privilégio da elite. Na República Velha o que predominou foi o coronelismo, onde o poder era garantido pela aliança entre tradicionais chefes políticos. Para contestar essa predominância floresce em 1931, segundo Fernandes (1980), um grande movimento de massas: a Frente Negra Brasileira<sup>2</sup>. Essa se desenvolveu no sentido de “arregimentar o negro” com fins próprios, “tanto no terreno eleitoral quanto em sentido mais amplo, como grupo social integrado, autônomo e capaz de manejar livremente, em fins próprios, sua parcela de poder político.” (FERNANDES, 1965, p. 21). O movimento foi sufocado, ainda segundo Fernandes, pela indiferença dos brancos e pela precariedade da condição humana da gente negra, além da intolerância do Estado Novo diante do que fosse democrático.

No sul da Bahia registros comprovam a ocorrência de resistência no local conhecido como Engenho de Santana desde o século XVIII, a mais importante delas sendo datada no ano de 1789, em que os escravos mataram o senhor, ocuparam o engenho e escreveram uma carta de reivindicações (SCHWARTZ, 1988). Mas apesar disso até o ano de 1896, após o “fim” da escravidão oficialmente ocorrido em 1888, ainda havia escravidão no local. Voltamos, então, ao discurso fundador acerca da origem étnica do Coronel Henrique Alves dos Reis, homem que se destacou na história da cidade de Itabuna, que pode ter a família oriunda de tal Engenho, mas cujo passado não consta nas linhas do jornal impresso de sua propriedade.

---

<sup>2</sup>Sobre esse movimento, ver também trabalho publicado mais recentemente de Domingues (p. 61-69).

Na biografia do mesmo, publicada em 13 de Janeiro de 1940, na ocasião da sua morte, é feita alusão a sua trajetória, desde a infância, onde trabalhou na lavoura, em Ilhéus, à prosperidade vivida na zona do Cachoeira e ao início da vida política, com o ingresso no Partido Conservador, até sua morte, aos oitenta anos de idade. Mas nada é mencionado acerca da história de sua família, e possível herança escravocrata. Relacionamos esta ausência a partir da AD, ao não-dito, para a qual no dizer há sempre um não-dizer necessário, e o relacionamos ao silêncio local, definido por Orlandi (2007, p. 83), como “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura.” Isto por causa das relações de poder presentes em nossa sociedade, que produzem a censura, de tal forma que as palavras sempre são acompanhadas por um silêncio. A partir daí, faz-se necessário um recorte metodológico, extraindo do objeto de estudo o não dito relevante para a situação enunciativa analisada no presente trabalho.

No caso específico da presença do negro no povoamento de Itabuna, os processos discursivos resultantes deste conjunto de ideologias resultam na representação de forma por vezes ausente, por vezes artificial, a depender das relações de poder existentes em cada situação. No caso específico do jornal “O Intransigente”, enunciados que tratam da figura do negro encontram diferentes expressões, como se vê no quadro a seguir.

**1) Um vadio perigoso à ordem pública**

“Deportado pela polícia da vizinha cidade de Ilhéus acha-se entre nós mais um indesejável. Trata-se de um menor abandonado, de cerca de 12 anos de idade, de cor preta, que vive a perambular noite e dia pelas ruas praticando impunemente toda a sorte de tropelias (...). Esperamos que a polícia tome as devidas providências afim de capturar tão perigoso vadio e enviá-lo quanto antes ao Dr. Juiz de menores.” (O Intransigente – 14/09/1935)



**2) Sob o peso da mais negra e pungente dor faleceu o Coronel Henrique Alves dos Reis, a tradicional figura do sul da Bahia.**

“Desapareceu do nosso convívio, às 17.10 do dia 8 do corrente, nesta cidade, cercado do carinho de sua família e do conforto dos seus amigos, o nosso chefe, amigo e proprietário. Coronel Henrique Alves dos Reis, a maior tradição de caráter do nosso povo e da tempera inquebrantável de nossa raça” (ibid., 13/01/1940)

**3) O feitiço virou contra o feiticeiro**

Manchete da matéria que relata o episódio com o Pai de Santo Sinfônico, que tem a casa, localizada na Rodovia Itabuna Ilhéus, incendiada. O referido é mencionado por meio de expressões como macumbeiro e viverdor.

Ao analisar tais enunciados, verificamos que na medida em que ocorre uma alteração na classe social do sujeito a que se refere o enunciado, há uma interferência da relação de poder que interfere na forma com que se dá a enunciação sobre o mesmo. No enunciado (1), o garoto pobre é rechaçado e fica evidente, em sua descrição, a origem negra. No enunciado (2), por sua vez, por tratar de figura importante no cenário político e econômico local, não há nada referente à etnia, apesar do mesmo ser considerado exemplo de “nossa raça”. No que se refere ao enunciado (3), há uma clara crítica à religião afrodescendente no próprio título da notícia, que denota a emissão de uma opinião do jornalista a respeito da condenação de tal prática.

Constatamos, a partir de tal análise, que o aspecto étnico no jornal “O Intransigente” se dá a partir das relações de poder, e apontamos a necessidade de aprofundamentos em tais análises, tendo em vista a necessidade de mudança de conceitos no que se refere ao papel do negro na construção da identidade local. Pois como afirma Pêcheux, citado em Gregolin (2006, p. 134),

o papel da teoria materialista do discurso é desconstruir a aparente unidade do “sujeito”, pois a sua relação com a língua é atravessada por essa construção da “subjetividade”: a língua tem o seu real próprio, assim como a história também tem seu real. O discurso é o

lugar de encontro entre esses dois reais, atravessados pelo processo histórico-ideológico de constituição do sujeito.

Portanto, somente a partir de uma perspectiva crítica acerca dessa subjetividade, e da forma de intervenção de cada um a partir de uma interpelação provocativa se pode pensar na mudança de paradigmas tanto no que se refere a língua quanto à história.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais reflexões acerca do coronel em Itabuna, em contraste com a do homem comum, tendo como enfoque a representação da etnia negra, traz à tona a representação de discursos permeados por ideologias que determinam as condições de produção do sujeito em esfera regional, e deixa em aberto a necessidade de mais aprofundamento desta problemática. Isto é imprescindível para a implantação de mudanças nos paradigmas do discurso midiático em esfera regional, que pode influenciar na formação de identidades, contribuindo com o que é proposto pelo parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aprovado em 2004, que visa à igualdade de todos, tanto social quando historicamente.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Ramiro. **De Tabocas a Itabuna. 100 anos de imprensa**. Itabuna: Agora Gráfica Editoria, 1999.

ALTHUSSER, L. (1970) **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

ANDRADE, Maria Palma.; Rocha, Lurdes Bertol. **De Tabocas a Itabuna – Um estudo histórico-geográfico**. Ilhéus: Editus, 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** (2004). Aprovada em 10 de março de 2004. Formato PDF. Disponível em <

<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/04diretrizes.pdf>>. Último acesso em: 23 out. 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: Diálogos & Duelos**. São Carlos: Ed. Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes/ Ed. Unicamp, 1997.

MARQUES, Gabriel. **Da Senzala à Unidade Racial**. Campinas: Ed. Planeta Paz, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2007.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Leitura**. 6 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados**. Ilhéus: Editus, 2003.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra!** Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 98